

MEC vai mudar o ensino de 2º grau

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — O currículo das escolas de 2º grau sofrerá mudanças profundas que deverão vigorar no próximo ano. A reforma do ensino médio prevê que apenas na 1ª série do 2º grau o currículo será único. Nas 2ª e 3ª séries, o ensino será dado em blocos de seis meses, direcionando os alunos para cinco áreas específicas: ciências exatas, artes e comunicação, ciências da vida, ciências sociais e humanas e área voltada para gerência e informática. Até agosto, as mudanças serão submetidas pelo Ministério da Educação (MEC) ao Conselho Nacional de Educação.

Com as mudanças, que serão implantadas aos poucos e não dependem de reforma da Constituição, o Ministério da Educação quer corrigir distorções que ocorreram nas últimas duas décadas e deixaram indefinido o conteúdo desse

nível de ensino. A Lei 5.692, de 1971, que criou o 1º e o 2º graus, exigia a profissionalização do ensino médio. Mais tarde foi tornada sem efeito por outra lei que não redefiniu as diretrizes.

Tendência — “Estamos seguindo uma tendência mundial já adotada na Espanha, e que também está sendo discutida na Argentina”, explicou o diretor do Departamento de Desenvolvimento Educacional do MEC, Raul Leite Berger Filho, adiantando que, em fevereiro, o MEC terá os resultados da avaliação por amostragem do desempenho dos alunos de 2º grau. Mas antecipou que uma avaliação preliminar feita pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) deixa o Brasil na situação constrangedora de ser o segundo país com pior desempenho de alunos de 2º grau nas áreas de matemática e ciências. O pior foi Moçambique.

“Numa época de grande desenvolvimento científico e tecnológico precisamos investir na área da ciência”, defendeu Berger Filho, que anunciou um programa de capacitação de docentes em 11 estados este ano, nas áreas de matemática, física, química e biologia, com duração de três anos. O MEC já firmou convênios com os estados, entre eles o Rio de Janeiro.

As distorções no ensino de 2º grau preocupam os professores, já que o exame vestibular passou a ser o seu principal parâmetro. As disciplinas adotadas, hoje, não levam em conta a vocação dos alunos. O MEC reconhece os erros da implantação do ensino profissionalizante no 2º grau, na década de 70 e parte da de 80, que acabou não sendo adotado pelas escolas, mas defende que os mais de 4 milhões de alunos do 2º grau, se nada for mudado, continuarão chegando à uni-

versidade sem conhecer as regras do mundo do trabalho.

Técnicos — Em fevereiro, o ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, enviará ao Congresso projeto que também propõe mudanças no ensino técnico. As escolas técnicas, que atendem em cursos regulares 120 mil alunos, em sua maioria estão desatualizadas em relação ao desenvolvimento tecnológico, na avaliação do MEC. Berger Filho afirma que o mercado de trabalho hoje exige uma formação mais completa do técnico: “Estão diminuindo os empregos em que se exige apenas o 1º grau completo. O 2º grau, cada vez mais, tem sido uma exigência”.

O MEC defende que, a partir de critérios estaduais, apenas duas áreas técnicas poderiam ser seguidas pelos alunos no 2º grau: a área agrícola e de serviços e comércio.

Educação

05 JAN 1996

JORNAL DO BRASIL